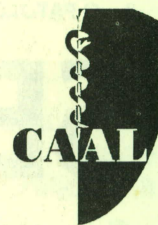


O PATOLÓGICO



CENTRO ACADÊMICO ADOLFO LUTZ - MEDICINA UNICAMP - ANO MMX - FEVEREIRO

Bem-vinda, XLVIII turma!

EXTENSÃO

experiências,

desafios

e percepções

CARTA DE UMA
ESTUDANTE
EM MOVIMENTO

por Sarah Segalla - p. 3

RELATO DE
2 RONDONISTAS
por Diego e Habib

p. 5

O PROJETO
pelo Projeto de
Saúde nas Com.

Quilombolas - p.5

SPASMO!

Thais Dias (XLV)

"Espero que esteja sempre comigo, para ambos como andarilhos de pés descalços por esses ventos desbravando trilhas pelo sertão das palavras e da vida."

SEXUALIDADE

Depois da sobrevivência, não existe nada mais importante a ser resolvido, para os homens, do que os problemas relacionados à disfunção erétil do pênis.

» leia mais, P. 7

SAIU NA MÍDIA

"Direita Volver" de Marcelo Rubens Paiva.

"País do futuro com esse passado e presente? Se liga!"

» leia mais, P. 6

PATOCULTURAL

"É tarde, é tarde, é tarde"

Alice no país das maravilhas:

Onírico, lúdico e atual: novo filme estreia em 2010.

» leia mais, P. 8

HPMA

Calouro: Não deixe que a medicina se torne a rotina idiota de deixar de viver, para aprender os modos de morrer. **O Patológico, edição Março de 1990**

» leia mais, P. 8

SEXUALIDADE

Sexualidade e o deficiente físico

"Depois da sobrevivência, não existe nada mais importante a ser resolvido, para os homens, do que os problemas relacionados à disfunção erétil do pênis. O homem que se torna deficiente físico deve observar se existe a presença de ereções penianas espontâneas, as chamadas ereções reflexas, e como e quando elas ocorrem.

As ereções deste tipo não têm ligação direta com a excitação sexual; podem aparecer por estimulação proprioceptiva da uretra, por exemplo, quando a bexiga está cheia, ou por estimulação tátil, quando o órgão sexual recebe estimulação direta. Este tipo de ereção é comum em paraplégicos e tetraplégicos espásticos, aqueles que têm movimentos involuntários de braços ou de pernas.

Os homens deficientes físicos ou não, independente da orientação hetero ou homossexual, em geral atribuem essencial importância ao desempenho fálico (do pênis) quando avaliam a si mesmos, identificam o masculino, o macho, com o órgão sexual. Mesmo que não tenham sensibilidade genital, mesmo que consigam satisfazer suas parceiras utilizando o corpo todo, mesmo que sejam amados com ardor, se não tem um nível de controle da ereção, sentem-se impotentes, não somente para o sexo, mas muitas vezes para todo tipo de relacionamento mais íntimo.

A grande maioria dos deficientes físicos não apresenta disfunção erétil. Apenas quando há alterações circulatórias importantes e nas lesões graves do sistema nervoso central podemos encontrar disfunções eréticas. Vale lembrar que hoje existe tratamento eficaz para quase todos os problemas sexuais de causa orgânica.

Nas lesões medulares, dependendo da região que

foi danificada, o homem pode, no período de excitação, continuar apresentando a chamada "ereção psicogênica", ou ereção provocada pelas fantasias sexuais; aquela que surge quando a pessoa assiste a filmes eróticos ou lê revistas pornográficas, por exemplo.

Existe um fenômeno trágico nas primeiras tentativas sexuais de lesados medulares, que ocorre quando o homem percebe que tem ereções durante a masturbação. Quando toca com as mãos o seu pênis, ele percebe que a ereção é rígida, e tudo parece indicar que sua sexualidade não foi afetada. Então, tendo uma parceira, ele investe nas preliminares, e também constata que, enquanto sua parceira manipula seu órgão, seja de forma oral ou manual, continua tendo ereções de boa qualidade, porém, quando tenta realizar uma penetração, após alguns minutos, perde a ereção. Ele volta a manipular o pênis e tem ereção, mas por mais que tente não consegue completar o coito.

O homem não compreende que pode ter "falhado"; sente-se excitado e com desejo intenso de penetrar sua parceira. Sabe que o problema não é falta de vontade, não é depressão, não é nada com sua parceira, sente-se potente, porém tem a realidade da perda erétil e o medo da rejeição. A parceira não compreende, pode sentir-se insegura e atacar seu parceiro, ou passar a se culpar. O sexo torna-se um tormento, e, pasmem, o único vilão desta história quase nunca é descoberto.

É muito difícil manter o mesmo estímulo do pênis na relação com penetração quando somente a ereção reflexa está preservada. Sua ereção psicogênica, aquela obtida sem que ocorra contato com a genitália, está lesada, então quando o homem muda de posição, o estímulo é cortado bruscamente, sendo quase impossível evitar o frustrante corte da excitação do casal.

Outro problema sério é que, infelizmente, algumas disfunções sexuais são agravadas por procedimentos invasivos, ocorridos no período de hospitalização e/ou

na fase de reabilitação, como, por exemplo, as infecções urinárias e do trato genital, a presença de fístulas uretrais, a utilização de práticas para o controle da espasticidade através de cirurgias nos nervos periféricos e as infiltrações nervosas com álcool ou fenol. Estes tratamentos das seqüelas são mais prejudiciais para a função sexual do que a própria deficiência física. A maioria dos médicos se esquece de informar aos pacientes dos riscos da utilização destes recursos.

O sentimento psíquico de impotência e inadequação demanda questões mais amplas ligadas ao resgate da identidade pessoal; toda história pessoal, sua forma de ver o mundo e os outros, suas crenças, seus valores e seus medos sofrem uma revolução.

A única saída é utilizar todo o seu potencial tentando dar maior objetividade ao problema, evitando ambigüidades e falsas interpretações. O que o deficiente físico mais necessita é clareza de idéias para que possa tomar ele mesmo as decisões sobre o procedimento que mais lhe convém. E quem participar deste resgate, seja um profissional, um familiar, ou um(a) parceiro(a) sexual, precisa desenvolver um grau mais adequado de envolvimento com sua problemática global para assim poder atuar de forma empática e relamente mobilizadora."

Texto extraído do livro: A Revolução Sexual Sobre Rodas

Autor: Fabiano Pulhmann

Editora: Nome da Rosa

Opiniões, sugestões ou críticas para a coluna: gabrielamartelli@hotmail.com



ESPAÇO AAAAL



Devido a gastos anteriores e complicações decorrentes das dívidas, a AAAAL está implantando o KIT INTERMED/CALOMED.

Esse Kit já vem sendo utilizado por outras faculdades, como a Unesp-Botucatu, USP-Pinheiros e USP-Ribeirão, Santa Casa, PUCCAMP, entre outras.

E tem dado ótimos resultados, com grande adesão dos alunos. Esse ano, o Kit Intermed sai apenas R\$45,00 para associados e R\$30,00 para atletas (também associados). Ao adquirir o Kit, você ganha a bata da competição, uma camiseta, artigos de torcida, alojamento para todos os dias, ônibus (ida e volta), e ainda pode ter acesso à casa do atleta. Por isso, é de grande importância se tornar um associado.

Para ser um, basta adquirir a sua Carteirinha AAAAL, que oferece muitas vantagens, que incluem o desconto no kit, descontos nos produtos exclusivos da Lojinhaaaal e em eventos da nossa Atlética, descontos em empresas conveniadas que variam desde moda à alimentação, e descontos em cinemas e teatros. Essa carteirinha serve como carteirinha de estudante! Para mais informações, mktaaaal@gmail.com ou fale com um integrante da AAAAL.

A.A.A.A.L. 2010

CARTA DE UMA ESTUDANTE EM MOVIMENTO

**Foi quando minha dor encontrou a tua,
ali doendo em minha alma,
alma que havia se exilado em ti
sentindo minhas dores.
Foi então que não sabia
se sentia tuas dores em minha alma
ou tua alma em minhas dores
eu no outro, o outro em mim**
(trecho do poema *Fragmentos de Mauro Luis Iasi*)

Faz dias que penso em escrever este texto, mas me era muito difícil colocar as idéias no lugar. Confesso, fugi um pouco das reflexões que o Estágio de Vivência em Extensão Popular (ENVEPOP) me proporcionou, pois foram tantas angústias e experiências, que tive medo. Mas algo fez a necessidade de reflexão bater em minha porta: ontem tive a belíssima chance de conhecer um acampamento do Movimento dos Trabalhadores sem Teto (MTST), onde teremos o prazer de fazer uma vivência com os calouros da XLVIII turma de medicina.

Qual não foi minha surpresa ao me deparar com o Acampamento Zumbi dos Palmares, o mesmo nome do assentamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), onde tive a oportunidade de viver por 11 dias, justamente no Estágio de Vivência da Jornada de Extensão Universitária (JORNEXU) da UFPB!

Tantas lembranças, angústias, saudades, preocupações... Tudo de repente veio à tona e me levou a relembrar e digerir um pouquinho mais de tudo o que vivi de 25 de janeiro a 12 de fevereiro deste ano, no assentamento Zumbi dos Palmares e no Acampamento Pequena Vanessa, no município de Mari, interior paraibano.

Para quem não sabe, o conceito Estágio de Vivência se aplica a estágios que ocorrem por todo o Brasil e que tem como objetivo promover a interação entre estudante e comunidade, não de maneira assistencialista, mas sim lado a lado, vivendo como o outro vive. Assim, podemos enxergar de maneira crítica o papel de cada ser humano, entendendo o papel social de sua profissão e atentando às contradições e necessidades do outro para que possamos aprender e crescer juntos.

A razão pela qual decidi participar de um estágio como esse, é que ao longo do último ano, no qual participei da Gestão Roda Viva, pude aprender através do movimento estudantil e da prática de extensão popular, que os estudantes e, no caso, os estudantes de medicina, tem muito mais a ver com as contradições sociais do nosso

mundo do que imaginamos.

Pude perceber que é responsabilidade de todos os que passam a enxergar a maneira como a sociedade exclui, explora e condena, fazer algo para mudar essa situação. É enxergar-se responsável e perceber-se parte das engrenagens que movimentam a nossa sociedade.

Depois que me enxerguei como responsável por isso tudo, não pude mais calar-me e aceitar o egoísmo dos estudantes e o individualismo corporativo da medicina. Precisei ir atrás de ferramentas e aprendizados que me mostrassem o que é possível fazer para mudar essa realidade tão cruel. O estágio surgiu nesse ponto.

A partir dele, pude conviver com pessoas que um dia não tiveram onde viver, nem tiveram condições de trabalhar dignamente, pois sempre estiveram submetidas à exploração, à exclusão

há mais de 2 milhões de acampados, que ainda esperam por seu pedaço de chão, debaixo de lonas e paus. Mas o mais terno da luta é ver a gratidão ao movimento daqueles que tudo o que tem hoje, foi pela militância de seus coordenadores e dirigentes.

Um grande descoberta para mim e aqueles que tiveram a oportunidade de conhecer um assentamento ou acampamento de perto, é tirar a venda dos olhos posta pela mídia, comandada pelos setores conservadores e patrimonialistas da sociedade brasileira. Eles perseguem quem luta pela plena realização dos direitos sociais garantidos na Constituição e por medidas de melhoria das condições de vida do povo brasileiro, como escola, saúde, trabalho e dignidade. É necessário criminalizar, estigmatizar os pobres que lutam e se organizam, como violentos e causadores da instabilidade política, para que haja manutenção da ordem dirigida por esses setores da sociedade.

Vale a pena ver de verdade o que acontece, antes de tirar suas próprias conclusões. Não podemos ignorar a individualidade de cada ser humano, pois em qualquer organização haverá pessoas idôneas e pessoas mal-intencionadas. Mas somos estudantes críticos e não podemos nos deixar levar por opiniões massificadas e preconceituosas, antes de conhecer a realidade de cada um.

Fazer uma vivência é acreditar nesse conhecer de perto, acreditar que só poderemos ser pessoas e profissionais bons, e comprometidos com nossa gente e nossa sociedade, se pudermos enxergar de verdade, lado a lado, quais as

necessidades das pessoas e qual nossa parcela de responsabilidade nisso.

Depois de conviver com D. Maria da Penha, D. Dora, Nego, Mile, Luciano, Nice, Paulo Sérgio, Dilma, Zé do Brejo, Beta, Damião, Higor, Gabriela, Laís e tantos outros lutadores, tenho a sensação de que nunca mais me omitirei perante a miséria e a exploração. Participar da luta significa estar ao lado deles, apoiá-los nas bandeiras e auxiliar na descriminalização de um movimento que tem apenas três objetivos: lutar pela terra, lutar pela reforma agrária e lutar por uma sociedade mais justa e fraterna, que é meu objetivo daqui em diante, como estudante, médica, militante e ser humano.

**Sarah Barbosa Segalla (XLVI)
Gestão Rosa dos Ventos**



dos meios produtivos, dos sistemas educacional e de saúde de qualidade. E graças a um movimento social organizado, de pessoas exploradas que perceberam o quão errada está essa exclusão e decidiram ir atrás de sua dignidade, conseguiram enfim, trabalho, terra, vida.

É aí que os estudantes de medicina se entrelaçam à dinâmica. Como estudantes, devemos democratizar nossos conhecimentos, as oportunidades que tivemos, para que outros também as tenham, e basear a produção do conhecimento nas realidades sociais. Como futuros médicos, devemos entender a saúde de maneira completa, que tem como seu determinante central as condições sociais. A partir disso, se torna óbvio que, como promotores de saúde, devemos defender aqueles que compartilham da luta pela dignidade humana, por condições sociais que propiciem saúde mental, física, espiritual e social para as pessoas.

Daí minha imensa gratidão ao movimento sem terra, que pude conhecer na pele, e perceber o quanto fez por mais de 15 milhões de pessoas, atualmente assentadas no Brasil. Além dessas,

O MAIS POLÊMICO DOS NOSSOS RITUAIS

O cotidiano, da forma que vivemos nos dias de hoje, é geralmente polarizado por dois opostos: o cumprimento integral de todas as leis e regras presentes em uma sociedade até a ausência completa destas leis e regras previamente estabelecidas. É evidente que são situações estereotipadas em uma visão simplificada e superficial do cotidiano. Porém, é entre os dois opostos que necessariamente situamos nossas atitudes e compreendemos a realidade a nossa volta.

Mas tal fenômeno não é algo individual que, caso somássemos todas as posturas individuais, teríamos como resultado um coletivo definido. Deve-se considerar as diversas esferas que surgem para garantir a famigerada "ordem" coletiva, o que muitas vezes funciona como justificativa para cerceamentos individuais.

Nesse sentido, formadas as esferas e situando a sociedade em torno delas, teríamos como princípio e objetivo a gênese de um coletivo harmônico que seguisse regras de maneira suficiente a garantir subsistência tanto para a sociedade quanto para as próprias esferas. No entanto, quando há, em grupos menores de pessoas, valores diferentes dos que eram proclamados e ditos para todos, é criada uma necessidade de legitimar esses valores. Assim, surge o RITUAL. Dentro dele, serão concedidos AUTORIDADE e LEGITIMIDADE para o pequeno grupo, o que garantirá a estrutura, organização e execução destes "novos" valores. O que deve ficar claro é que estes novos valores não são válidos no coletivo, apenas no ritual. Exemplificando: fazer contato com o mundo transcendente em um centro espírita é algo aceitável, porém se você o fizer em um espaço público, corre o risco de ser punido.

Outro elemento de um ritual é a repetição. Criar uma metodologia dá segurança e familiaridade para o grupo. "O ritual é um manifesto contra a indeterminação". É necessário saber exatamente onde ele ocorrerá, garantir a presença da maior parte do grupo e garantir a entrada contínua de novas pessoas no grupo. Assim, surgem dentro da Universidade rituais que são executados e somente compreendidos se considerados sob a ótica do grupo que os conceberam. No dia onze de agosto, grande parte dos estudantes da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco consomem em restaurantes da cidade e, ao invés de pagarem a conta, vão embora celebrando o tradicional Pindura, muitas vezes sendo detidos e levados até a delegacia. É comum ver a indignação dos donos de restaurantes, dos outros clientes do estabelecimento e de muitos daqueles que nunca cursaram Direito a respeito da leviandade praticada pelos universitários. Agora, experimente chamar um franciscano de leviano e você estará sujeito a discutir horas a respeito do quão tradicional é o ritual e quanto aquilo faz parte da história de uma faculdade de quase duzentos anos. Justificariam que não é um ritual aleatório, tem data exata, há um protocolo a ser seguido (inclusive para não correr riscos de penas judiciais) e é algo pertencente

à mais tradicional das Faculdades de Direito do país. E todo ano os recém ingressantes ouvem dos mais velhos que eles também podem praticar o Pindura, pois agora são franciscanos.

Surge a questão: mas e a LEI? Como já explicado, o ritual legitima ações durante o momento de sua ação que independem de leis prévias.

No entanto, o presente texto não tem por objetivo julgar juridicamente determinado ritual, mas sim compreender a origem do ritual mais polêmico de nossa faculdade: o trote. Trote o qual, por mais que muitas vezes seja sugerido, nunca foi consenso dentro de uma faculdade tão heterogênea e, provavelmente, nunca será. Trote o qual, por mais que muitas vezes seja sugerido, não é agradável, desejado e obrigatório para todos os recém ingressantes desta faculdade.

É necessário, inicialmente, considerar que algo que não é necessariamente "politicamente correto" não possa ser prazeroso. Se não fosse prazeroso para uma parcela, tanto dos calouros quanto dos veteranos, o ritual não surgiria,

Para conseguir suportar e se adaptar aos futuros seis anos, é muito mais cômodo e fácil assumir tal condição e aceitar situações que previamente seríamos contra.

muito menos permaneceria. Aliás, o ritual do trote surge exatamente da euforia da conquista e do desejo de ingressar na nova vida, a vida universitária.

Mas se há tanta euforia, não poderíamos canalizá-la para algo mais produtivo e harmônico, algo menos "alcoólico e intenso"? Só se mudássemos tudo: a faculdade, a universidade, o perfil de quem está entrando e o perfil de quem já entrou.

É pífio querer acreditar em um trote solidário, humano e transformador em uma faculdade em que os estudantes recebem de 60 a 100 horas de conteúdo por semana. É pífio querer acreditar em um trote diferente em uma universidade que impossibilita estudantes de medicina de se matricular em matérias de outros institutos, de montarem sua própria grade curricular. É pífio querer acreditar em uma calourada transformadora para recém integrantes que, em sua maioria, passaram pelo menos os últimos cinco anos sacrificando sua juventude para assimilar conteúdo suficiente para derrotar mais de nove mil candidatos. É pífio querer acreditar em idéias construtivas surgindo de estudantes que estão há pelo menos um ano sendo pressionados diariamente pelos professores, pelos colegas, pelos pais, pela classificação na turma, por qual residência escolherão, pela própria prova de residência, por um hospital sobrecarregado, por estágios com até três plantões por semana, por treinos

semanais, pela classificação na Intermed, pelas atividades do Centro Acadêmico e/ou da Atlética, pela organização da formatura, por ligas acadêmicas e, acima de tudo, pelo peso de ser um futuro médico, formado em uma das mais conceituadas faculdades do país.

Insistimos em criticar um ritual que, por mais que muitos sugiram o contrário, possui uma dose de violência embutida nele. Mas esquecemos de citar o quanto de violência já impregnada temos dentro de nosso curso, nossos estudantes, nossa faculdade. Insistimos no direito de escolha dos calouros de se submeterem ou não a uma hierarquia proclamada de tantas maneiras, mas esquecemos que quanto mais tempo passa depois da condição de calouro, mais a faculdade parece escassa de escolhas próprias.

É nesse contexto que parece ser legitimada uma tradição antiga e bem estruturada, a qual promete um ritual de iniciação, sob a condição de calouro (já despido de muitos valores prévios), assumindo a "base da cadeia alimentar da faculdade", com o objetivo de ingressar na nova vida universitária e conseguir se adaptar a ela. No entanto, é fato que, muitas vezes, para conseguir suportar e se adaptar aos futuros seis anos, é muito mais cômodo e fácil assumir tal condição e aceitar situações que previamente seríamos contra.

Insistimos em achar que a semana de calourada é um ritual breve, mas, no entanto, ele faz parte de um ritual muito maior. Inicia quando você lê seu nome na lista do vestibular. O fim dele não é fácil definir. O meio dele pode variar muito, mas, certamente, doses de violência e pressão intensa comporão seu enredo. Quem o legitima? Nós mesmos, quando o aceitamos. Quem o propaga? Nós mesmos, quando o aceitamos ou tentamos justificá-lo como a única saída.

Talvez, a grande diferença do nosso próprio ritual para tantos outros rituais é que, como ele parece sem fim, é impossível sentir que você completou o ritual e agora faz parte do grupo que o executa. Somos executores e protagonistas. Surge, assim, a dificuldade de analisá-lo. Surge, assim, a razão de tanta polêmica. Como podemos ser contra um ritual que sabemos ser impossível sair? Mais fácil aceitá-lo como a única saída e executá-lo nos novos protagonistas. Inevitavelmente, eles serão iniciados, ou na semana de calourada, ou no primeiro dia de aula.

Nos últimos anos, criou-se, dentro deste ritual, um grupo de pessoas mobilizadas a fazer força contrária ao próprio ritual. O que era inevitável, elas se esforçarão para não ser. O trote humano e transformador que era pífio, elas genuinamente acreditam. Não por serem necessariamente contra tradições. Mas por se negarem a propagar o mesmo ritual, se negarem a justificá-lo.

**Henrique Sater (Abrealas) - XLV
Gestão Rosa dos Ventos**

PROJETO RONDON – RELATO DE DOIS RONDONISTAS

Lição de vida e de cidadania. Este é o lema do Projeto Rondon, projeto de extensão universitária coordenado pelo Ministério da Defesa em colaboração com outros ministérios, que foi reativado em janeiro de 2005 a partir de uma proposta da UNE – União Nacional dos Estudantes enviada ao Presidente da República.

O Projeto tem como objetivo contribuir para a formação do universitário como cidadão; integrar o universitário ao processo de desenvolvimento nacional, por meio de ações participativas sobre a realidade do país; consolidar, no universitário brasileiro, o sentido de responsabilidade social e coletiva em prol da cidadania, do desenvolvimento e da defesa dos interesses nacionais; e estimular, no universitário, a produção de projetos coletivos locais, em parceria com as comunidades assistidas. Isto é o que está escrito na cartilha do rondonista (termo para denominar quem participa do projeto Rondon), mas é uma forma do rondonista levar um pouquinho do seu conhecimento obtido na universidade para a sociedade, bem como aprender muito através do contato com uma população muito rica culturalmente e ao mesmo tempo muito pobre em recursos socioeconômicos.

Nossa equipe foi uma das selecionadas para participar da operação Centro-Nordeste 2010, na cidade de Baixa Grande (sertão baiano) do dia 15 ao dia 31 de janeiro. Junto à nossa equipe há mais de 300 rondonistas apenas no estado da Bahia, em cidades escolhidas em função de seu baixo IDH. Além do estado da Bahia, os estados de Tocantins, Alagoas e Goiás também recebem rondonistas nesta mesma operação. A equipe partiu de São Paulo rumo a Salvador, a bordo do avião C-105 Amazonas (camuflado) da Força Aérea Brasileira. Em princípio a viagem não foi tão confortável (era um avião de transporte de soldados), mas tornou-

se muito empolgante. Ao chegar em Salvador, fomos transportados até Feira de Santana-BA, e ficamos hospedados por dois dias no quartel do 35º Batalhão de Infantaria, onde houve a abertura oficial da operação e oficinas de sobrevivência na caatinga, ministradas por soldados.

A equipe da UNICAMP juntou-se à equipe da Faculdade Dom Bosco de Curitiba-PR e partiu de Feira de Santana com destino ao município de Baixa Grande, local de nossa intervenção. Fomos muito bem recepcionados pelo prefeito e outras autoridades na pequena cidade de Baixa Grande com cerca de 20.000 habitantes, que em sua maioria reside na zona rural em pequenos



povoados, sob precárias condições de vida. A participação do projeto Rondon em Baixa Grande tornou-se uma verdadeira atração na cidade, foram dadas entrevistas na rádio local e realizadas diversas atividades, em formato de oficinas para todos os públicos (entre eles profissionais de saúde, como os agentes comunitários de saúde) na zona urbana e em sete povoados. Entre as oficinas de saúde, falamos sobre o Programa Saúde da Família, Acolhimento e Humanização no SUS, Prevenção de verminoses, Higiene, DST

e AIDS, Drogas e Álcool, Violência Doméstica e Sexual, Importância da Amamentação, Esporte e Lazer e Primeiros Socorros.

Com a participação no projeto Rondon, obtivemos uma verdadeira lição de vida e de cidadania. Através desta experiência, pudemos ajudar a melhorar um pouco a realidade dos baixa-grandenses, aprendemos muito sobre a história e a cultura do sertão baiano e reconhecemos que ainda há muito a ser feito e é nosso papel como cidadão brasileiro melhorar a qualidade de vida destas comunidades. Um dos momentos que mais nos chamaram a atenção foi a visita ao lixão, local que se destina o lixo da área urbana e em que se encontra uma mulher de 30 anos com provável distúrbio psiquiátrico e seus oito filhos. Esta família passa o dia em um pequeno barraco no meio do lixão junto a urubus e lixo hospitalar que também é descartado no mesmo local.

Para participar do Rondon é necessário montar uma equipe composta por dois docentes e seis estudantes, de diferentes cursos, e construir um projeto baseado no edital do Ministério da Defesa, contemplando ações em diversas áreas como saúde, educação, direitos humanos e justiça, comunicação, meio ambiente, cultura, entre outras. A execução do projeto ocorre nos períodos de férias, janeiro/fevereiro ou julho. Mais informações podem ser encontradas em www.defesa.gov.br/projeto_rondon e no site da PREAC (Pró-reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários).

Diego Barbosa / Rafael (Habib) XLVI

EXTENSÃO POPULAR: COMUNIDADES QUILOMBOLAS

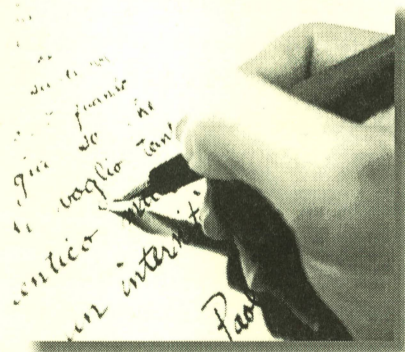
Construindo um projeto

A extensão faz parte da educação universitária. Seu nome sugere uma expansão de conhecimento e aprendizado para além dos muros da universidade, desconstruindo a idéia de separação entre o indivíduo e seu contexto social, geralmente presente no ensino. A extensão é pautada pela interação entre a universidade e a comunidade, havendo, portanto, DIÁLOGO e COMPARTILHAMENTO de conhecimentos entre ambas. O estudante que pratica extensão popular não só fortalece seu embasamento teórico, como também demonstra comprometimento com a realidade social, assumindo papel transformador.

Sabendo-se da importância da extensão universitária, é preciso estar ciente também de como praticá-la. Tal é o objetivo deste texto: descrever a preparação de um projeto de extensão para a sua realização. O primeiro passo é a escolha de um tema e do local de atuação. Para isso, deve-se considerar as reais necessidades da comunidade e a capacidade da universidade de atuar diante do tema, promovendo autonomia. É importante atentar, também, para o nível de organização da comunidade. Se esta já possuir uma organização prévia (como nas Comunidades Quilombolas onde realizamos um projeto de saúde), o trabalho se torna mais fácil. Além disso, deve-se sempre respeitar a autonomia de decisão da comunidade em aceitar o projeto e partici-

par de decisões ao longo de sua execução.

Escolhidos tema e local de atuação, é preciso encontrar um professor orientador para o trabalho. O indicado é que o professor seja da mesma área de atuação do projeto e que tenha tempo suficiente para se envolver com as atividades. Caso o projeto precise de financiamento, é importante encontrar um edital de projetos



de extensão. Um exemplo é o edital da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (PREAC), que ano passado estava com bolsas de financiamento de até 10 mil reais. O passo seguinte, então, é escrever o projeto, apresentando suas justificativas, objetivos, metodologia, cronograma e orçamento. Mesmo que o projeto não necessite de financiamento, é interessante redigi-lo para tornar o trabalho mais organizado. O projeto escrito deve estar amparado pela literatura com referências bibliográficas adequadas e deve levar em conta a integração entre docentes, discentes e funcionários,

entre a universidade e a comunidade e as decisões e demandas da comunidade, já que se trata de uma construção coletiva.

Esse projeto, então, é submetido a um edital, no qual pode ser aprovado e, assim, sair do papel! Para dar continuidade ao trabalho, é preciso estar apto a lidar com as burocracias referentes à bolsa do projeto de extensão. A partir disso, o projeto está pronto para ser desenvolvido. É muito importante manter contato constante com a comunidade, pois o projeto pode ser revisto e aprimorado ao longo de sua execução, diante de novas situações apresentadas pela comunidade ou pela sociedade. Além disso, deve-se ressaltar que o projeto não deve se limitar pela bolsa, pode se estender além do previsto pelo financiamento e obter mais recursos fornecidos por um próximo edital. A ação só termina quando a comunidade conseguir autonomia para lidar com o tema proposto inicialmente.

A próxima etapa, agora, é pôr em prática o que este texto descreve. Como disse Guimarães Rosa, "mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende". Então, que possamos, por meio da extensão, ensinar, aprender, trocar, transformar...

Carolina Fudo - XLVII

Josué Augusto do Amaral Rocha - XLV

SAIU NA MÍDIA

Direita Volver

O ex-coronel Erasmo Dias, que morreu há uma semana, não teve velório de um herói, nem foi homenageado por populares. Apenas alguns membros da família, que reclamaram da falta de reconhecimento.

Se ele dizia que cumpria ordens, quem as comandou não apareceu.

Anticomunista convicto, desempenhou o papel de salvar os valores da família e propriedade, que seriam "tolhidos" por aqueles terroristas jovens cabeludos e maconheiros, manipulados pela Internacional Comunista.

Era a sinopse da sua vida. Ajudou a implantar uma ditadura sanguinária que se mantinha não pelo debate, mas pelo terror, e declarava que era contra a tortura.

Em 1968, descarregou o revólver ao redor do ex-líder estudantil e amigo Luiz Travassos, preso no congresso clandestino da UNE em Ibiúna. Em 1969, no Vale do Ribeira, jogava numa cova os guerrilheiros da VPR presos e descarregava a automática ao redor.

Perguntei-lhe uma vez se isso não era tortura. Teimoso, dizia que não.

O coronel tinha um mérito; se "mérito" é a palavra apropriada. Era dos poucos do regime que defendiam seus métodos e a forma equivocada e desproporcional da luta, como invadir uma universidade católica, a PUC, já durante a Abertura.

Tirou estudantes e professores das salas para colocá-los sentados no estacionamento em frente e reprimir a reunião que ocorria no Tuca, para a reconstrução da UNE. Gritava no estacionamento: "Onde está a Veroca! Eu quero a Veroca!"

Veroca é minha irmã mais velha. Líder estudantil, era a alma do movimento que retomou a luta pelas liberdades democráticas e anistia no fim dos anos 70 - que representou a estaca que romperia com as artérias do regime militar e o afastamento definitivo de parte da sociedade civil que o apoiava e financiava.

Num encontro clandestino de estudantes também reprimido, Erasmo encontrou na triagem minhas irmãs e estudantes da USP, Eliana e Nalu, e as levou.

Aqui o relato da Nalu, que hoje mora em Paris, na troca de e-mails familiar em que anunciei a morte do ex-coronel.

"Nesse dia ele prendeu mais de cem estu-

dantes que estavam na Paulista de Medicina. Liberou, depois de ter fichado todo mundo. Menos dois: Eliana e eu."

"Fomos interrogadas com revólver na cabeça em salas separadas, e diziam: "Onde está sua irmã Veroca? A Eliana já falou tudo e foi liberada, e se você não falar, vai acabar como o seu pai." Era mentira, pois Eliana não tinha falado nada, mas fiquei apavorada, eu sabia onde ela estava e não falei."

"Fomos liberadas graças à intervenção do governador Paulo Egídio. Nunca vou esquecer da cara lívida da mamãe, que veio nos buscar."

Anos depois, o ex-coronel se beneficiou da democracia pela qual lutávamos e se elegeu deputado.

Entrevistei-o várias vezes como repórter. Foi minha fonte em matãrias em que eu investigava, com Cláudio Tognolli, a presença da CIA no Brasil durante a ditadura.



Me abriu os arquivos e deu horas de depoimento para o meu livro Não És Tu, Brasil (1996), sobre a Guerrilha do Vale do Ribeira; ele comandou a fracassada repressão.

Eu via nele um combatente confuso, como um histérico diante dos seus erros. Suas convicções eram facilmente derrubadas. Ele sabia que participara de uma missão insana. Como profissional, eu respeitava o repertório da minha fonte. Como democrata, desprezava.

Em 1999, Serginho Groisman teve a ideia genial de juntar Veroca e o ex-coronel num programa de TV. E sempre me lembra que foi um dos mais marcantes que fez.

Veroca perguntou ao vivo: "Como o senhor se sentiu depois de ter sido eleito, usufruindo nossas conquistas democráticas? Porque nos massacrrou por isso, entrou na PUC jogando bombas em mulheres grávidas, com cavalos em sala de aula, gritando o meu nome em lou-

quecido."

"Tinham meninas que estavam com meias de seda e nem participavam da manifestação. Viraram tochas humanas, nunca mais puderam andar de saia ou maiô, meses de hospital para curar as queimaduras."

Ela lembra: "No estacionamento estavam alunos e professores aterrorizados pela violência. Meus colegas que me encontraram no dia seguinte explodiram em choro de alívio, achavam que eu estava morta."

Sob vaias da plateia, Erasmo respondeu: "Eu era autoridade! Tinha que fazer valer o princípio de autoridade, não importa se eram meninas comunistas ou baratas, o que fosse, tinha que reprimir."

"Eu disse depois que achava que ele era gente, por isso tinha defendido o direito à liberdade democrática. Inclusive a dele, de ter suas posições políticas defendidas num parlamento", Veroca conclui. "Morreu achando que gente que pensa diferente é barata. Perdeu completamente a compostura quando fiz a pergunta. Minha impressão é que ele estava querendo passar para a história de outra maneira. Tinha levado um recorte de jornal que falava de Rubens Paiva. Não chegou a mostrar, eu vi na mão dele."

Erasmo Dias era assumido. No Brasil, a direita costuma pensar de um jeito, mas dedetiza o discurso. Na Europa, a direita é declaradamente racista. É bom, porque o eleitor lá sabe quem é quem. Já aqui...

Na edição de réveillon de telejornal da Band, depois de mostrar imagens de lixeiros desejando felicidades, Boris Casoy, sem saber que o áudio estava aberto, mandou: "Que merda: dois lixeiros desejando felicidades do alto de suas vassouras. O mais baixo na escala do trabalho."

O vídeo caiu na internet. Simboliza o discurso reprimido de parte da sociedade brasileira, que cria elevadores de serviço e social em condomínios, mas avisa que é ilegal discriminar.

A mesma que se deslumbra pelo réveillon dos VIPS de Trancoso ou coberturas de Copacabana e ignora os milhões de cidadãos nas areias e avenidas.

No País em que garçom não come a mesma comida que o cliente, nem na mesma mesa, Boris disse num lapso (e se desculpou apenas depois da repercussão) o que está no inconsciente da nossa formação.

País do futuro com esse passado e presente? Se liga!

Marcelo Rubens Paiva
Estado de S. Paulo - Sábado, 16 de Janeiro de 2010

COMAU

A Comissão Organizadora do COMAU 2009 quer parabenizar os premiados da XVIII edição:

Banca Clínica

Título do Trabalho: "Avaliação De Fatores de Risco para Fratura de Quadril em Mulheres Idosas"

Autor: Ximênia Mariama de Souza (graduanda do quarto ano de medicina da UNICAMP)

Orientadora: Maria Elena Guariento

Banca Pediatria

Título do Trabalho: "Associação Entre Síndrome de Turner, Presença de Cromossomo Y e Tumor Gonadal"

Autor: Beatriz Amstalden Barros (graduanda do quarto ano de medicina da UNICAMP)

Orientador: Gil Guerra Jr.

Banca GO

Título do Trabalho: "Avaliação do Processo de Implantação de um Programa de Rastreamento de Estreptococo do Grupo B na Gestaçãõ"

Autor: Tássia Regina Yamanari (graduanda do terceiro ano de medicina da UNICAMP)

Orientador: Dra Eliana Martorano Amaral

Banca Preventiva

Título do Trabalho: "Acidentes Fatais De Motocicleta: Um Sério Problema De Saúde Pública"

Autor: Carlos Eduardo Carrasco (graduando do terceiro ano de medicina da UNICAMP)



Ximênia, Beatriz, Tássia, Carlos Eduardo, Aline e Paulo

Orientador: Gustavo Pereira Fraga

Banca Cirurgia

Título do Trabalho: "Aumento da Resposta Contrátil

Intestinal in vitro à Metacolina no Modelo Experimental de Gastrosquise"

Autor: Aline Cristina Regis (graduanda do terceiro ano de medicina da UNICAMP)

Orientador: Prof. Dr. Lourenço Sbragia Neto

Banca Básica

Título do Trabalho: "O Veneno Bruto da Aranha Phoneutria Nigriventer Altera a Expressão de Proteínas da Barreira Hematoencefálica e a Permeabilidade desta"

Autor: Paulo Alexandre Miranda Odorissi (graduando do terceiro ano de medicina da UNICAMP)

Orientadora: Profa. Dra Maria Alice da Cruz Höfling

COMAU 2010

Ajude a construir a XIX edição do Congresso Médico Acadêmico da Unicamp (COMAU).

Desde 1992, alunos de medicina da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp se reúnem para promover este importante evento anual, que estimula a interação de pesquisa científica, ensino médico, saúde e atualizações da área médica.

Venham fazer parte desta história e ajudar a melhorar

o evento neste ano de 2010.

Interessados devem mandar e-mail até o dia 01 de abril para: comau2009@gmail.com.

VENHA PARTICIPAR DA COMISSÃO ORGANIZADORA DO XIX COMAU!

ENVIE UM E-MAIL ATÉ 01/04 PARA COMAU2009@GMAIL.COM

SPASMO!

Amizade, idéias e poesia em prosa...

Este texto é um diálogo, literária e literalmente um dedinho de prosa com o texto apresentado nesta mesma coluna no jornal passado. A conversa é com um autor que entre bolas de meia e de gude muito apropriadamente já chamei de "passado no meu presente, menino a sempre me dar a mão", e que sempre vai me lembrar de umas aulas de linguagem vivida, escrita e sentida nos mares de morros das Minas Gerais. Tomarei suas palavras, metáforas e citações como mote para a malha de pensamento tecido que chamamos de texto, assim como algumas considerações sobre o tema em questão.

Em umas teorias, de uns loucos lúcidos que estudam linguagem, e mais especificamente uma parte chamada: Metáfora Conceitual, existem o que chamou-se de metáforas primárias, que seriam metáforas existentes em várias línguas, de maneira semelhante e geralmente são relacionadas aos aspectos mais elementares da vida humana e menos dependentes da cultura, como por exemplo as metáforas do sufocamento... da fome como vontade dentre outras tantas... Mas a mim, pelo pouco já lido nessas andanças... sempre me pareceu que a metáfora dos caminhos, sempre foi primária, como se a direção vivida fosse tão basal como a sede.

E parafraseando o diálogo do personagem Pablo Neruda no belíssimo filme O Carteiro e o Poeta, "metáfora já é poesia".

A Rosa dos Ventos sempre será a metáfora (ou poesia quase tátil, corporificada) daquilo que nos dá sentido... e um sentido polissêmico, tanto direção quanto significado. Este instrumento serviu sim aos navegantes que se lançaram no mar como se atravessassem o mundo da dúvida. Como já disse o poeta, "Navegar é preciso, viver não é preciso" é na imprecisão da vida que a rosa nos é mais necessária do que na precisão dos mares... mesmo os mais revoltos... tão necessária como a água que mata a sede.

A mim... A rosa dos ventos sempre deu e dá o sentido de se fazer medicina. Medicina para que? Por que? Para quem? Desde que tinha um pulso pulsante numa roda viva, e descobria que o corpo para mim é pouco e que seria impossível passar por esse percurso de seis anos sem compreender os caminhos pelos quais seguimos, em que mapas estão inseridos, e por que insistem em nos levar por determinadas diretrizes. Foram essas rosas, que assim como a rosa de Vinicius de Moraes me fizeram perceber nossa cegueira inexata por essas rotas alteradas que alguns insistem em nos mostrar como único caminho possível. Foram esses ventos que me fizeram em fim enxergar nossas feridas sociais como rosas cálidas, sem cor, sem perfume, sem rosa, sem nada.

Sobre a características dinâmicas que essas contínuas metáforas a inspirarem o trabalho de cada chapa, não é acaso, é reflexo. Aproveito-me de um verso de "The Road Not Taken" onde se constata que "um caminho sempre leva a outro" e é natural que assim seja quando se constrói ano a ano um trabalho. E a Rosa dos Ventos nos tem levado para essa estrada menos percorrida, essa travessia Roseana (que carece muita coragem, afinal viver é muito perigoso), travessia sem lenço e sem documento contra muitos ventos que insistem em soprar na direção do senso comum, do comodismo, e da reprodução automática dessa sociedade sem crítica. E isso sempre trará os espinhos, e os furacões. Mas os caminhos sempre têm as encruzilhadas, e esses encontros (como o que houve desta autora com o anterior) é que nos dão a força para seguir em frente.

Essa "pública-ação" de carinho é pouco para uma pessoa tão presente. Presente na memória, presente no cotidiano, presente no jornal, presente no exercício político de democracia que não é meramente representativa e sim participativa dentro de um centro acadêmico. E espero que esteja sempre comigo, para ambos como andarilhos de pés descalços por esses ventos desbravando trilhas pelo sertão das palavras e da vida.

Thais Dias (XLV)

Gestão Rosa dos Ventos

PATOCULTURAL

“É tarde, é tarde, é tarde!”

“Uma definição de insanidade é crer que podemos continuar fazendo o que vínhamos fazendo e obtermos resultados diferentes”. (A Rainha de Copas em Alice no País das Maravilhas)

“Alice’s Adventures in Wonderland” (frequentemente abreviada para “Alice in Wonderland”) é a obra mais conhecida do escrito inglês Charles Lutwidge Dodgson, mais conhecido pelo seu pseudônimo Lewis Carroll. É certamente uma das maiores obras primas da literatura mundial.

Alice é uma obra repleta de fantasias oníricas e lúdicas a cerca da realidade e da linguagem. São simbolizações e alegorias que a primeira vista contestam a lógica e o senso comum, primando pelo absurdo. Contudo revelam metáforas lúcidas a respeito do mundo e da sociedade. Metáforas que a exemplo de obras de autores como Kafka ou Guimarães Rosa suscitam um mundo de (re)significados. Com o adendo de ser, além de tudo, uma narrativa bela que de fato é apreciada por crianças e jovens do mundo todo.

O País das Maravilhas onde Alice vê-se transportada em seu sonho seria o nosso mundo. Um mundo marcado pelas incertezas e pela falta de razão. É interessante notar que a sociedade no País das Maravilhas, como a nossa, também é dividida em classes, em castas. Há animais e outros seres que representam o proletariado e a classe média (profissionais liberais, intelectuais, dentre outros), o caso de personagens como o Coelho Branco e o Dodô. No cortejo real, as cartas figurativas, como se supõe, são os reis, rainhas e valetes, dentre eles o Rei e a Rainha de Copas, regentes do País. No contexto histórico-social da época em que o livro foi publicado, mas a Rainha de Copas pode ser a representação da própria rainha inglesa daquele período: Rainha Vitória, autori-

tária e cruel. Ou seria uma alegoria do próprio poder opressivo do Estado monárquico. Uma das cenas mais espetaculares do livro ocorre quando Alice cresce de maneira desmedida e ininterruptamente num tribunal.



em que ela se revolta contra a Rainha e demais membros presentes no julgamento, uma possível metáfora do povo unido rebelando-se e depondo a monarquia opressiva. O livro também é interpretado como o universo particular e peculiar da criança em desenvolvimento, que se vê ingressando na conturbada adolescência. As súbitas diminuições e aumentos do tamanho de Alice representam a instabilidade emocional própria do recém adolescente, além da dificuldade deste se si-

tuar no novo estágio psicobiológico. São perceptíveis os problemas psicológicos de identidade e questionamentos existenciais pelos quais Alice passa, tentando apreender e assimilar o novo mundo que descobre.

Além da análise social, há várias metáforas de cunho filosófico e existencial. A primeira metáfora do livro inteiro, da entrada na toca do coelho é a metáfora mais clássica da introdução ao estudo da filosofia, e da busca pelo conhecimento, usada em livros didáticos ou mesmo em outras obras infanto-juvenis como “O Mundo de Sofia” de Jostein Gaarder. Essa e muitas outras questões permeiam todo a narrativa.

No ano de 1951 a Disney fez um longa-metragem em desenho animado de muito sucesso da adaptação da história para o cinema. E agora, no dia 5 de março de 2010 será lançado uma nova obra, desta vez, com grandes atores e muita computação gráfica dirigida por Tim Burton, com Johnny Deep no papel do chapeleiro louco, que ganhou grande destaque na história. O filme será uma espécie de sequencia do clássico original, em que Alice aos 17 anos foge de uma festa em que seria pedida em casamento e cai novamente no “País das Maravilhas” que tinha visitado há dez anos e não se lembrava.

A leitura do livro, juntamente com todo esse frisson do lançamento no cinema, fez na verdade com que me lembrasse de um trecho extraído do documentário “Labirinto” sobre o cineasta nacional Glauber Rocha: “O mundo fundia-se numa festa libertária, e a transformação social viria do casamento da arte com a política, da realidade com a utopia, da verdade com o delírio”. E quando se trata de transformação social, repito o Coelho Branco: “Vamos, que já é tarde”

**Thais Dias- XLVII
(Gestão Rosa dos Ventos)**

HPMA

Algumas considerações sobre o trote

Existe na universidade brasileira uma instituição absolutamente estúpida e condenável, mas que está tão enraizada na mentalidade estudantil que dificilmente poderemos fazer com que ela deixe de existir. Trata-se do trote.

Podemos analisar o surgimento deste hábito idiota levando em consideração fatores históricos, sociais e culturais.

Nos primórdios da criação dos cursos superiores no Brasil apenas a classe alta tinha acesso ao estudo universitário. Isto se devia em parte ao fato de que apenas os mais abastados tinham condições financeiras de manter seus filhos em instituições de ensino superior. Estudar na época significava um fator de status social.

Com a decadência das grandes monoculturas latifundiárias, a industrialização, a urbanização e o comércio tiveram um grande impulso dando oportunidade para o surgimento em grande escala de uma nova camada social,

composta principalmente de comerciantes, pequenos burgueses e profissionais liberais. A classe média logo se tornou desejosa de ver seus filhos de posse de algum diploma de curso superior. A classe alta universitária não viu com bons olhos o acesso da classe média aos cursos superiores e criaram então o trote, como forma de humilhar os calouros oriundos de uma classe social inferior.

Depois de alguns anos, o trote institucionalizou-se e tomou grande impulso durante o regime militar, uma vez que era incentivado pelo próprio governo com intuito de desunir a classe estudantil, que era na época um baluarte de oposição a ditadura.

Não foram poucos os casos de pessoas que morreram ou tiveram várias lesões corporais devido ao trote. Vivemos atualmente numa época de grandes mudanças no Brasil e no mundo. Racionalizar e ter uma opinião consciente das ações que praticamos torna-se um pré-requisito indispensável para que possamos viver numa sociedade melhor e mais justa. Ninguém em sua sã consciência praticaria

um ato tão vil e covarde quanto o trote violento, se soubesse qual foi sua origem e desenvolvimento. A tão falada integração que o trote promoveria poderia ser obtida em muito maior escala se alguns jovens universitários não fossem tão “iguorantes”. Devemos acima de tudo respeitar a liberdade individual a que cada ser humano tem direito.

Vamos estimular o trote saudável em detrimento do violento. Vamos fazer pedágio, tomar cerveja, cantar, dançar, praticar esportes e plantar árvores. Vamos contribuir para que o trote violento seja em breve apenas mais uma triste página deste livro chamado Brasil.

Moise Dalva XXVIII

O Patológico, edição Maio de 1990, pág. 2, Coluna Boca do Povo.

Calouro: Não deixe que a medicina se torne a rotina idiota de deixar de viver, para aprender os modos de morrer.

O Patológico, edição Março de 1990